

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão

Textos

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



Índice

- 15 Editorial
José Morais Arnaud
- 1. Historiografia**
- 19 Arqueólogos Portugueses
Jacinta Bugalhão
- 33 A arqueologia nacional: valores de referência
Gertrudes Branco
- 41 De Chão de Minas (Loures) a Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa):
Breve balanço de um ciclo de vida em estudos Pré-Históricos
Vitor Oliveira Jorge
- 51 A emergência da arqueologia processual em Portugal: a teoria e o método
(1968-2000). Uma introdução
Daniel Carvalho / Mariana Diniz
- 63 Francisco António Rodrigues de Gusmão: a Arqueologia, a Epigrafia e o Património
Pedro Marques
- 75 História das investigações dos hipogeus em Portugal
Cátia Saque Delicado
- 87 «Porque havemos de deixar nas mãos de especialistas estrangeiros perspectivas que
tanto nos dizem respeito?». A colaboração arqueológica internacional no Portugal
dos anos 50-60 do século XX: tradições, inovações e contradições
Ana Cristina Martins
- 2. Estudo e valorização**
- 101 Musealização do sítio arqueológico da Foz do Enxarrique: do projeto à obra feita
Luís Raposo / Mário Benjamim
- 113 Projeto de estudo do património histórico-arqueológico de Vouzela (Viseu):
objetivos e primeiros resultados
Manuel Luís Real / António Faustino Carvalho / Catarina Tente
- 125 Castro de Guifões (Matosinhos) – das primeiras notícias aos resultados
preliminares de um projecto de investigação
Andreia Arezes / José Manuel Varela
- 137 O projeto Castr'uíma (Vila Nova de Gaia, 2010-2015): elementos e reflexões para
um balanço prospetivo
António Manuel S. P. Silva / J. A. Gonçalves Guimarães / Filipe M. S. Pinto / Laura Sousa /
Joana Leite / Paulo Lemos / Pedro Pereira / Maria de Fátima Teixeira
- 155 São Salvador do Mundo – o estado da arte!
André Donas-Botto
- 161 Mértola na Idade do Ferro: primeiros resultados de dois projectos de investigação
Francisco José García Fernández / Pedro Albuquerque / Maria de Fátima Palma
- 171 Estado atual do conhecimento acerca do povoamento em época romana na Amadora
Gisela Encarnação / Vanessa Dias

- 185 Arqueologia urbana no concelho de Loures
Alexandre Varanda
- 195 19 anos de Arqueologia urbana em Machico, Região Autónoma da Madeira
Isabel Paulina Sardinha de Gouveia / Élvio Duarte Martins Sousa

3. Gestão e salvaguarda

- 209 Paisagens e patrimónios no concelho de Loures: reflexões sobre uma experiência de comunicação em arqueologia, património e história local
Florbela Estêvão
- 215 Para além da gestão patrimonial: uma nova relação da arqueologia com o território
Luiz Oosterbeek / Anabela Pereira / Davide Delfino / Elaine Ignácio / Henrique Mourão / Maria Nicoli / Marian Helen Rodrigues / Nelson Almeida / Pierluigi Rosina / Rita Anastácio / Pedro Cura / Sara Cura / Sara Garcês
- 227 A memória como ferramenta de pesquisa e investigação arqueológica
Alexandra Figueiredo / Ricardo Lopes / Sónia Simões / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira
- 237 A apropriação dos vestígios arqueológicos por parte das comunidades modernas e contemporâneas
Alexandra Vieira
- 249 Acompanhamento arqueológico em Lisboa – lei, des(ordem) e procrastinação
Alexandre Sarrazola
- 259 Acompanhamento arqueológico e método. Contributo para o seu enquadramento legal
Iva João Teles Botelho
- 273 Intervenção arqueológica na Avenida dos Aliados, Porto. O Bairro do Laranjal
Luís Filipe Coutinho Gomes / Iva Botelho / João André Perpétuo
- 287 Gestão do património arqueológico em intervenções de minimização e salvaguarda
Leonor Rocha / Gertrudes Branco

4. Pré-História

- 295 O crânio humano Acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira
Joan Daura / Montserrat Sanz / Juan Luis Arsuaga / Rolf Quam / Dirk L. Hoffmann / Maria Cruz Ortega / Elena Santos / Sandra Gómez / Ángel Rubio / Lucia Villaescusa / Pedro Souto / Filipa Rodrigues / João Maurício / Artur Ferreira / Paulo Godinho / Erik Trinkaus / João Zilhão
- 303 Ocupações Pleistocénicas da margem esquerda do Baixo Minho (Miño/Minho 2).
Objetivos e primeiros resultados de um projeto transfronteiriço
João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Alberto Gomes / Eduardo Méndez-Quintas / José Meireles / Alfredo Pérez-González / Manuel Santonja
- 319 Estudo tecnológico de três sítios do Paleolítico médio do centro de Portugal:
Ribeira da Ponte da Pedra, Santa Cita e Lagoa do Bando
Sara Cura / Antonella Pedernana / Pedro Cura / Luiz Oosterbeek / Gabriele Luigi Francesco Berruti / Pedro Peça / Rosa Linda Graziano
- 331 O Paleolítico médio de S. Julião da Barra: a indústria lítica dos depósitos
flúvio-marinhos intervencionados no âmbito da construção do campus
universitário de Carcavelos
João Luís Cardoso / Pedro Peça / Raquel Santos
- 341 As indústrias Paleolíticas do Baixo Guadiana: perspetivas para uma investigação
futura a partir das recolhas de Abel Viana
Luís Gomes / Alexandre Varanda

- 357 A sequência estratigráfica da Lapa dos Coelhoos: funcionalidade e subsistência ao longo do Pleistocénico superior no sopé da Serra de Aire (Portugal)
Cristina Gameiro / Simon Davis / Francisco Almeida
- 375 O início do último máximo glacial no Sul de Portugal: novos dados a partir do sítio arqueológico de Vale Boi
Joana Belmiro / João Cascalheira / Nuno Bicho
- 385 Sobre a definição e interpretação das tecnologias líticas bipolares em contextos pré-históricos
Pedro Horta / João Cascalheira / Nuno Bicho
- 393 Abrigo da Buraca da Moira, Leiria: resultados preliminares do projeto Ecoplis
David Nora / Joana Pereira / Patrícia Monteiro / Eduardo Paixão / Sandra Assis / Marina Évora / Carlos Duarte / João Marreiros / Vânia Carvalho / Trenton Holliday / Telmo Pereira
- 403 Existe Azilense em Portugal? Novos dados sobre o tardiglacial e o pré-boreal no Vale do Côa
Thierry Aubry / Cristina Gameiro / André Santos / Luís Luís
- 419 Reconstruir atividades humanas e formação de contextos conquíferos: microfácies sedimentares do Cabeço da Amoreira (Muge) e das Poças de São Bento (Sado) e o seu potencial interpretativo nos padrões de comportamento humano no Mesolítico
Carlos Duarte / Ana M. Costa / Vera Aldeias
- 433 Líticos em contexto – tecno-tipologia e distribuição espacial no concheiro mesolítico de Poças de S. Bento (Alcácer do Sal)
Diana Nukushina / Mariana Diniz / Pablo Arias
- 447 Arqueotematologia e coleções museológicas: estratégias e desafios para o estudo das práticas funerárias do passado
Rita Peyroteo-Stjerna
- 461 Fossas, fornos ou silos? O contributo do Barranco da Horta do Almada 1 (Beja) para a definição cronológica e funcional das estruturas negativas Mesolíticas e Neolíticas
Ana Rosa / Mariana Diniz
- 467 Para uma periodização da Pré-História recente do Norte de Portugal: da segunda metade do 4^o milénio aos finais do 3^o milénio aC
Susana Soares Lopes / Ana M. S. Bettencourt
- 489 A gestão do sílex durante o Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)
Henrique Matias / César Neves
- 505 Tumulações da Pré-História recente do Centro/Norte litoral: o caso das Mamoas do Taco (Albergaria-a-Velha)
Pedro Sobral de Carvalho
- 519 Anta da Casa da Moura: um monumento megalítico no maciço calcário de Sicó
Fernando Silva / António Monteiro / Gertrudes Branco / Leonor Rocha
- 529 A arqueologia aérea: métodos e técnicas para a observação de dólmenes. O caso de Mora e Arraiolos
Arielle Câmara / Leonor Rocha / Teresa Batista
- 541 Intervenção arqueológica no projecto de “Recuperação e valorização da Anta do Carrascal” (Aqualva, Sintra)
Patrícia Jordão / Pedro Mendes / Cláudia Relvado
- 557 O uso do crânio em rituais da Pré-História
Carlos Didelet

- 563 Novos dados sobre as ocupações Neolíticas do centro de Lisboa
Helena Reis / Tiago do Pereiro / Nelson Cabaço / Rui Ramos / António Valera
- 575 As galerias de mineração de sílex de Campolide e o seu contexto Europeu.
Comparações e análise
Eva Leitão / Carlos Didelet / Guilherme Cardoso
- 581 O povoamento Neolítico em Avis: uma análise preliminar dos dados
disponíveis
Ana Cristina Ribeiro
- 591 Vila Nova de São Pedro (Azambuja), no 3º milénio, um sítio Calcolítico
no ocidente peninsular – contributos para um debate
Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 605 A ocupação humana do III milénio a.C. do Cabeço da Ervideira (Alcobaça)
João Pedro Vicente Tereso / Rita Gaspar / Cláudia Oliveira
- 619 O conjunto de pedra lascada da Ota: questões tecnológicas e socioeconómicas
Ana Catarina Basílio / André Texugo Lopes
- 631 “TO com cachet”: as eventuais cabanas subterrâneas do recinto de fossos
do Porto Torrão
Filipa Rodrigues
- 647 Potes para os mortos: ritual funerário e tecnologia cerâmica em contexto megalítico
Nuno Inácio
- 661 Os componentes de tear no Castelo de Pavia
Liliana Teles / Leonor Rocha
- 671 Reflexão acerca dos cossoiros e da fiação nos contextos calcolíticos do Sudoeste
da Península Ibérica, partindo do sítio de São Pedro (Redondo)
Catarina Costeira
- 687 Broken Arrow: as pontas de seta dos povoados de São Pedro (Redondo,
Alentejo central)
Rui Mataloto / Diana Nukushina / Catarina Costeira
- 705 A pedra lascada nos *tholoi* do baixo Alentejo interior: notas preliminares
de casos de estudo
Ricardo Russo / Ana Catarina Sousa
- 723 Exploração de recursos aquáticos no final do Neolítico e Calcolítico: breve
revisão do registo faunístico
Sónia Gabriel / Cláudia Costa
- 741 Contributos para o conhecimento da componente animal dos recintos
de fossos calcolíticos. A fauna vertebrada de Montoito 2
Cláudia Costa / Rui Mataloto
- 753 Entre vales e escarpas. Estudo da fauna recuperada na Lapa da Mouração
(Porto de Mós, Leiria)
Ana Beatriz Santos / Cátia Saque Delicado
- 765 Reconstrução paleoambiental da margem Norte do rio Tejo através da análise
multiproxy de sedimentos recolhidos em contexto de obra com achados
arqueológicos
Ana M. Costa / M^a. Conceição Freitas / Vera Lopes / César Andrade / Jacinta Bugalhão /
Pedro Barros
- 781 Análise preliminar dos padrões de localização das grutas com arqueologia
do centro e Sul de Portugal
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves / João Cascalheira

5. Proto-História

- 795 Contextos e práticas funerárias da Idade do Bronze na bacia hidrográfica do rio Ave (Noroeste de Portugal)
Hugo Aluai Sampaio
- 809 A necrópole da Idade do Bronze do Corvilho (Santo Tirso): novos dados para a sua contextualização cronológica
Hugo Aluai Sampaio
- 819 Povoado de São Lourenço. Novos dados. Castro Daire, Viseu (CNS 5114)
Vitor Manuel da Silva Dias
- 833 O enterramento da Idade do Bronze da Gruta das Redondas (Carvalhal de Aljubarrota): um contributo para o estudo do Bronze antigo na Estremadura atlântica
João Carlos Senna-Martinez / Elsa Luís / Rita Matos / Pedro Valério / Maria de Fátima Araújo / João Tereso / Isabel Costeira
- 849 O sítio de fossas da Horta do Cabral 6. Contribuição para o conhecimento da Idade do Bronze na região do Torrão (Alcácer do Sal, Portugal)
Henrique Matias / Marco António Andrade / Cláudia Costa / Hugo Aluai Sampaio / Inês Simão / António Monge Soares / Rui Monge Soares / Patrícia Monteiro
- 865 Estudo paleoetnobotânico do Crasto de Palheiros na Idade do Ferro – uma análise carpológica
Margarida Isabel Leite / João Pedro Tereso / Maria de Jesus Sanches
- 877 A comparação como ferramenta de estudo de processos de representação e interacção: o caso de “Tartessos”
Pedro Albuquerque
- 887 Produções cerâmicas de inspiração grega no vale do baixo Tejo
Elisa de Sousa / João Pimenta
- 897 O metal de base cobre dos objectos de uso pessoal em sepulturas da I Idade do Ferro do Monte Bolor 1-2 (Beja)
Pedro Valério / Maria Fátima Araújo / António M. Monge Soares / Rui Soares / Lídia Baptista
- 907 A Azougada (Moura) e o sistema metrológico da Idade do Ferro pós-orientalizante do baixo e médio Guadiana
Ana Sofia Antunes
- 929 Os ossos trabalhados do Castro da Azougada (Moura, Portugal)
Mariana Nabais / Rui Soares
- 943 Janelas abertas sobre a Idade do Ferro: os queimadores de Mesas do Castelinho (Almodôvar)
Susana Estrela
- 955 O sítio arqueológico do Espigão das Ruivas (Cascais)
José d’Encarnação / Guilherme Cardoso

6. Arte Rupestre

- 969 E depois do Côa? A investigação de arte rupestre em Portugal desde 1995. Parte 1: a Sul do Tejo
Andrea Martins
- 991 Isto não é um afloramento! É uma rocha de arte rupestre. . . factores potenciais de escolha de superfícies de arte rupestre na fase antiga Paleolítica da Arte do Côa.
António Batarda Fernandes

- 1003 A arte rupestre da Gruta do Escoural – novos dados analíticos sobre a pintura Paleolítica
António C. Silva / Guilhem Mauran / Tânia Rosado / José Mirão / António Candeias / Carlos Carpetudo / Ana Teresa Caldeira
- 1021 A arte megalítica da Mamoa 1 do Taco (Albergaria-a-Velha, Aveiro).
Novos resultados
Lara Bacelar Alves / Pedro Sobral de Carvalho
- 1037 O Monte Faro – uma paisagem icónica da arte Atlântica Peninsular
Lara Bacelar Alves / Mário Reis
- 1053 Gravuras rupestres do Noroeste Português para além das artes Atlântica e Esquemática
Ana M. S. Bettencourt
- 1069 O conjunto de gravuras rupestres de Santo Adrião (Caminha, Portugal).
Embarcações, armas, cavalos e ex-votos
Manuel Santos-Estévez / Ana M. S. Bettencourt
- 1085 Uma abordagem “multi-proxy” aplicada à conservação do sítio de arte rupestre de Cobragança, Mação, Portugal
Sara Garcês / Hugo Gomes / Vera Moleiro / Hugo Pires / Flávio Joaquim / Anabela Pereira / Luiz Oosterbeek

7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1099 O projecto de investigação sobre a ocupação humana em torno da Aldeia de Pegarinhos (Alijó) – em busca das origens da romanização do Douro
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1109 O *corpus* dos mosaicos romanos do *conventus bracaravgvstanvs*
Fátima Abraços / Licínia Wrench / Cátia Mourão / Filomena Limão / Jorge Tomás García
- 1123 Vestígios de transformação de produtos no concelho de Castelo de Vide (Portalegre, Portugal) – inseridos no povoamento rural romano
Sílvia Monteiro Ricardo
- 1137 Novos dados sobre a ocupação de época Romana Republicana da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal): o espólio metálico
Francisco B. Gomes
- 1149 Reflexões em torno da jazida arqueológica Torre Velha 1 e a sua relação com o espaço e dinâmicas ocupacionais envolventes
Teresa Ricou Nunes da Ponte
- 1163 A ocupação Romana do Monte dos Toirais, Montemor-o-Novo. Um exemplo de arqueologia preventiva no contexto dos finais dos anos 90 (séc. XX)
Jorge Vilhena / Carolina Grilo
- 1177 A actuação votiva dos grupos de origem servil no Sul da Lusitânia
Sílvia Teixeira
- 1185 Ataegina uma Divindade Peninsular
Cristina Lopes
- 1193 Espólio de cerâmicas finas romanas e separadores dos fornos do Morraçal da Ajuda (Peniche, Portugal)
Eurico Sepúlveda / Guilherme Cardoso / Catarina Bolila / Severino Rodrigues / Inês Ribeiro
- 1205 As «marcas de oleiro» na *terra sigillata* de Vale de Tijolos (Almeirim) e as dinâmicas comerciais no *ager scallabitanvs* durante o principado
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Henrique Mendes

- 1219 Evidências de um espaço funerário. Vestígios de uma necrópole romana às portas de Scallabis
Carlos Boavida / Tânia Manuel Casimiro / Telmo Silva
- 1229 *¿Requiescat in pace?* Abordagem transdisciplinar a possíveis casos de enterramentos atípicos identificados na necrópole Noroeste de Olisipo
Sílvia Casimiro / Francisca Alves Cardoso / Rodrigo Banha da Silva / Sandra Assis
- 1243 O espaço de necrópole Romana das Portas de Santo Antão, Lisboa
Nelson Cabaço / Alexandre Sarrazola / Rodrigo Banha da Silva / Liliana Matias de Carvalho / Marina Lourenço
- 1255 Pintura mural na Travessa do Ferragial, Lisboa
Raquel Henriques / António Valongo
- 1265 Aspetos construtivos do Teatro Romano de Lisboa: matérias-primas e técnicas edificativas
Lídia Fernandes
- 1279 Um contexto cerâmico e vítreo da primeira metade do séc. III d.C. do Palácio dos Condes de Penafiel (Lisboa)
Raquel Guimarães / Rodrigo Banha da Silva
- 1293 Contextos Romanos identificados na frente ribeirinha de Lisboa
Helena Pinheiro / Raquel Santos / Paulo Rebelo
- 1305 As ânforas Romanas da nova sede da EDP (Lisboa)
José Carlos Quaresma / Rodrigo Banha da Silva / José Bettencourt / Cristóvão Fonseca / Alexandre Sarrazola / Rui Carvalho
- 1317 As ânforas de tipo *la Orden* na Lusitânia meridional: primeira leitura, importância e significado
Rui Roberto de Almeida / Carlos Fabião / Catarina Viegas
- 1331 Combustível para um forno: dinâmicas de ocupação de um espaço em Monte Mozinho (Penafiel) a partir de novos dados arqueobotânicos
Filipe Costa Vaz / Luís Seabra / João Pedro Tereso / Teresa Pires de Carvalho
- 1347 A necrópole de Alcoitão no contexto das práticas funerárias alto-Medievais do concelho de Cascais
Catarina Meira
- 1359 Paisagem e estratégias do povoamento rural Romano e Medieval no troço médio do vale do Guadiana
João António Ferreira Marques
- 1379 Mértola na Antiguidade Tardia. A topografia histórica
Virgílio Lopes

8. Época Medieval

- 1393 Evolução da estrutura urbana de Santarém entre os séculos VIII e XIII: uma análise macroscópica a partir da localização das necrópoles Islâmicas
Marco Liberato / Helena Santos
- 1405 O povoamento rural Islâmico na *kura* de Alcácer do Sal: breve análise da toponímia
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1417 Manifestações lúdicas na cerâmica do *gharb al-Andalus*
Maria José Gonçalves / Susana Gómez Martínez / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Ana Sofia Gomes / Isabel Inácio / Marco Liberato / Constança dos Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco / Catarina Coelho

- 1431 Estuques decorados Islâmicos, do século XI, do castelo de Silves
Rosa Varela Gomes
- 1443 O sistema defensivo Medieval de Tavira – elementos ocultos por entre o casario
Jaquelina Covaneiro / Sandra Cavaco / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1455 A Porta de Almedina (Coimbra): observações no âmbito da recuperação
de fachadas na Torre de Almedina
Sara Oliveira Almeida
- 1469 A minha boca conta uma história: abrasão dentária e a sua relação com
actividade e hábitos pessoais numa amostra Portuguesa de época Medieval/
Moderna
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1481 Estudo arqueobotânico do povoado alto-Medieval de S. Gens: perspetivas
sobre a exploração de recursos lenhosos e agrícolas
Cláudia Oliveira / Ana Jesus / Catarina Tente / João Pedro Tereso
- 1495 Adornos de cavalo da época Medieval, provenientes das escavações do Castelo
de Almourol (1898)
Maria Antónia Athayde Amaral
- 1513 As marcas de canteiro da Sé de Lisboa
Sofia Silvério
- 1523 O comércio Medieval de cerâmicas importadas em Lisboa: o caso da Rua
das Pedras Negras nº 21-28
Filipe Oliveira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara Ferreira
- 1539 Construções em taipa de época Medieval e Moderna: o exemplo do Chiado
Vanessa Mata / Nuno Neto / Paulo Rebelo
- 1551 Rua do Arsenal 148, Lisboa. Resultados da escavação arqueológica
António Valongo
- 1567 Caracterização da ocupação Tardomedieval na Rua da Prata 221-231 e Rua
dos Correiros 158-168, Lisboa
Filipe Oliveira / João Miguez / Catarina Furtado / Cláudia Costa
- 1581 Breve apontamento sobre a Cerca (“velha”) Medieval de Lagos
Ana Gonçalves / Elena Mórán / Ricardo Costeira da Silva
- 1595 Aveiro em Quatrocentos: evidências materiais de um período (ainda) pouco
conhecido junto ao Mosteiro de Jesus (Aveiro, Portugal)
Ricardo Costeira da Silva / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1611 Resultados da intervenção arqueológica realizada nos nºs 54 a 58a da Rua
Direita, em Óbidos
Helena Santos / Marco Liberato / Romão Ramos

9. Época Moderna e Contemporânea

- 1627 A cozinha e a mesa a bordo da fragata Portuguesa Santo António de Taná
(Mombaça, 1697): estudo de objectos metálicos e em madeira
Inês Pinto Coelho / Patrícia Carvalho / André Teixeira
- 1641 Resultados preliminares da primeira campanha da missão arqueológica
Portuguesa em Sharjah (EAU). Escavação arqueológica em Quelba/Kalba
Mário Varela Gomes / Rosa Varela Gomes / Rui Carita / Kamyar Daryoush Kamyab
- 1657 Novos dados acerca das formas de pão-de-açúcar: o caso do estudo das formas
descobertas na Rua Afonso de Albuquerque, Peniche (centro de Portugal)
Adriano Constantino

- 1667 A ala nascente do claustro do Convento de Jesus de Setúbal: resultados da intervenção arqueológica de 2015/2016
Nathalie Antunes-Ferreira / Maria João Cândido
- 1675 Os bens terrenos da Igreja da Misericórdia (Almada) – séculos (XVI-XVIII)
Vanessa Dias / Tânia Manuel Casimiro / Joana Gonçalves
- 1691 Cerâmicas Quinhentistas vidradas de um poço Medieval da Praça da Figueira (Lisboa)
Ana Isabel Barradas / Rodrigo Banha da Silva
- 1703 O sítio dos Lagares (Lisboa): um espaço pluricultu(r)al
Mónica Ponce / Filipe Oliveira / Tiago Nunes / Marina Pinto / Marina Lourenço
- 1715 Uma olaria na Rua das Portas de Santo Antão (Lisboa) – séculos XV e XVI
Guilherme Cardoso / Luísa Batalha / Paulo Rebelo / Miguel Rocha / Nuno Neto / Sara Brito
- 1731 Evidências de produção oleira nos séculos XVI e XVII no Largo das Olarias, Mouraria (Lisboa)
Anabela Castro / Nuno Amaral de Paula / Joana Bento Torres / Tiago Curado / André Teixeira
- 1751 Os silos do Palácio de Santa Helena (Lisboa)
Luísa Batalha / Nuno Neto / Pedro Peça / Sara Brito / Guilherme Cardoso
- 1767 Estruturas Pré-Pombalinas e espólio associado no Pátio José Pedreira (Rua do Recolhimento e Beco do Leão, freguesia Santa Maria Maior)
Anabela Joaquinoto
- 1781 Policromias e padrões: azulejos “de aresta” e “de corda-seca” do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa (séculos XV-XVI)
André Bargão / Sara Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1795 O contexto do poço do claustro SO do Hospital Real de Todos-os-Santos: os contentores para líquidos
Rita Neves Silva / Rodrigo Banha da Silva
- 1809 A cerâmica Italiana dos séculos XV e XVI do Largo do Jogo da Bola em Carnide, Lisboa
Catarina Felício / Filipe Sousa / Raquel Guimarães / André Gadanho
- 1821 Dos objectos inúteis, perdidos ou esquecidos. Os artefactos metálicos do Largo do Coreto (Carnide, Lisboa)
Carlos Boavida
- 1835 Uma lixeira nas Casas Nobres do Infantado
Tânia Manuel Casimiro / António Valongo
- 1849 Os potes *martaban* provenientes da antiga Ribeira Velha, Lisboa
Mariana Mateus / Inês Simão / Filipe Oliveira / Rita Souta
- 1863 Cerâmica Portuguesa azul sobre azul – séculos XVI e XVII
Luís Filipe Vieira Ferreira / Isabel Ferreira Machado / Tânia Manuel Casimiro
- 1873 Portas de madeira reutilizadas em cofragens de época Pombalina (Campo das Cebolas, Lisboa)
Cristóvão Fonseca / João Miguez / José Bettencourt / Teresa Quilhó / Inês Simão / Mariana Mateus / Teresa Freitas
- 1891 O conjunto de selos de chumbo proveniente do Campo das Cebolas, Lisboa
Inês Simão / João Miguez
- 1901 Da Ribeira Velha ao Campo das Cebolas. Alguns dados sobre a evolução da frente ribeirinha de Lisboa
Inês Simão / João Miguez / Marta Macedo / Teresa Alves de Freitas / Cristóvão Fonseca / José Bettencourt

- 1915 A dimensão marítima do Boqueirão do Duro (Santos, Lisboa) nos séculos XVIII e XIX: primeiros resultados arqueológicos
Marta Lacasta Macedo / Inês Mendes da Silva / Gonçalo Correia Lopes / José Bettencourt
- 1925 Arqueotematologia Moderna/Contemporânea: práticas funerárias e cronologia relativa no adro da Igreja de Santa Maria dos Anjos, Valença
Luís Miguel Marado / Luís Fontes / Francisco Andrade / Belisa Pereira
- 1933 Fragmentos do quotidiano no Terreiro do Real monumento de Mafra (1717-2017)
Ana Catarina Sousa / Marta Miranda / Ricardo Russo / Cleia Detry / Tânia Manuel Casimiro
- 1953 O projecto Muge 1692: entre a arqueologia da arquitectura e a reconstrução virtual
Gonçalo Lopes
- 1967 A flora arqueológica da Quinta do Medal (Mogadouro) e a exploração de recursos vegetais durante os séculos XVIII/XIX no Vale do Sabor
Leonardo da Fonte / João Tereso / Paulo Dordio Gomes / Francisco Raimundo / Susana Carvalho
- 1979 Os vidros de Baía da Horta 1 (Ilha do Faial, Açores) enquanto vector de interpretação de um contexto disperso
Tiago Silva / José Bettencourt
- 1993 Baía da Horta 6 (BH-006): um provável naufrágio Americano do século XIX
José Bettencourt / Teresa Quilhó / Cristóvão Fonseca / Tiago Silva
- 2011 A ferro e fogo – a Fundação Vulcano & Collares, Lisboa
João Luís Sequeira / Inês Mendes da Silva
- 2023 Projecto Casa Museu Fialho de Almeida, Cuba – valorização do território e arqueologia preventiva, resultados do acompanhamento arqueológico
Francisca Bicho / Luís Fialho / Consuelo Gomes / Teresa Ricou

O MONTE FARO – UMA PAISAGEM ICÓNICA DA ARTE ATLÂNTICA PENINSULAR

Lara Bacelar Alves¹, Mário Reis²

RESUMO

No início da década de 1980 foram estudados por E. J. Silva e A. Leite da Cunha, três sítios paradigmáticos na área do Monte Faro (Valença, Viana do Castelo): Monte da Laje, Tapada do Ozão e Monte dos Fortes. Actualmente, o Monte Faro figura como o primeiro grande conjunto de Arte Atlântica identificado em Portugal. A mais recente actualização do inventário permitiu aumentar de 122 (em finais de 2015) para 135 o número de rochas decoradas, sendo a grande maioria atribuível àquela tradição artística pré-histórica. Contido numa área de c. de 26 km², o acervo equivale sensivelmente à totalidade das ocorrências conhecidas e dispersas pelo Noroeste do país. Neste artigo ensaia-se uma primeira abordagem às principais temáticas representadas e sua implantação na paisagem. **Palavras-chave:** Pré-história Recente, Arte Atlântica, Vale do Minho.

ABSTRACT

In the beginning of the 1980s, E. J. Silva and A. Leite da Cunha published three paradigmatic rock art sites in the area of Monte Faro (Valença, Viana do Castelo): Monte da Laje, Tapada do Ozão and Monte dos Fortes. At present, Monte Faro stands as the major Atlantic Art assemblage found in Portugal. The most recent update allowed the number of carved rocks inventoried to rise from 122 (by the end of 2015) to 135, the large majority belonging to that prehistoric rock art tradition. Enclosed in an area of c. 26 km², this assemblage corresponds approximately to the overall number of occurrences scattered across north-western Portugal. This paper brings a preliminary account of the imagery displayed and its landscape setting.

Keywords: Late Prehistory, Atlantic Art, Minho valley.

1. INTRODUÇÃO

A tradição artística pré-histórica de cariz iminentemente abstracto que tomou os frios granitos do Noroeste como suporte privilegiado, constitui uma das temáticas mais difíceis, controversas e, talvez por esse motivo, fascinantes da Pré-história peninsular (Figura 1). É reflexo disso mesmo, a prevalente ausência de consenso entre os estudiosos em torno da própria designação desta realidade: ‘petroglifos galegos’, ‘grupo galaico de arte rupestre’, ‘arte galaico-portuguesa’, ‘galego-atlântica’, ‘grupo 1 da arte do noroeste’, Arte rupestre Atlântica ou, como preferimos, ‘Arte Atlântica peninsular’ (e.g. Baptis-

ta, 1983-84; Alves e Reis, no prelo). A controvérsia prolonga-se a outros aspectos fundamentais como a compreensão do seu devir histórico e, logo, dos contextos sociais e culturais que subjazem à sua adopção e posterior consolidação na esfera do simbólico (Figura 1).

A dificuldade em estabelecer um balizamento cronológico concreto, a par da herança de uma tradição historiográfica, focalizada na análise do que se encontrava plasmado na face da rocha, marcou um período de impasse, apenas ultrapassado, em meados da década de 1990, com os estudos inspirados na chamada Arqueologia da Paisagem que culminam na publicação da obra seminal de Richard Bradley

1. Bolseira de pós-doutoramento. Fundação para a Ciência e Tecnologia – FSE/POCH / Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP), Universidade de Coimbra; lara.b.alves@uc.pt

2. Fundação Côa Parque; Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP). Universidade de Coimbra; marioreissoares@sapo.pt

(1997). Nos seus primeiros trabalhos, Bradley estabeleceu os princípios metodológicos que haviam de fazer escola nas décadas seguintes (Bradley, Harding e Mathews, 1993). Concebe a arte rupestre de ar livre pertencente a esta tradição como um sistema de comunicação visual, uma ‘linguagem de signos’ fixada em locais particulares da paisagem. Seria, então, um sistema passível de descodificação. Um dos eixos fundamentais da pesquisa passou pela análise da relação entre a localização de motivos circulares simples e complexos e a) diferentes topografias (terras altas e terras baixas), b) a presença de monumentos megalíticos e c) áreas passíveis de serem ocupadas por povoados. Embora a inspiração no estruturalismo clássico não tenha sido assumida explicitamente pelo autor, a busca pela compreensão da sintaxe subjacente à aposição dos motivos geométrico-abstractos na paisagem, recorda a metodologia aplicada por A. Leroi-Gourhan (1965) na tentativa de isolar a estrutura do ‘santuário ideal’ na Arte Paleolítica (Alves, 2012a: 262). Se a escola estruturalista da década de 1960-70 introduziu o estudo dos contextos espaciais na Arte Paleolítica, divergindo da perspectiva centrada essencialmente nos motivos individuais de H. Breuil, a obra de R. Bradley conduziu a uma mudança de paradigma de natureza similar no estudo da arte do pós-glaciar (*ibidem*). Pese embora alguma disparidade nos resultados analíticos obtidos na Grã-Bretanha e na Galiza Ocidental (Bradley 1997), o conjunto dos pressupostos metodológicos da Arqueologia da Paisagem rapidamente ganhou adeptos, beneficiando de um importante *upgrade* com a disseminação do recurso aos sistemas de informação geográfica (SIG). S. Fairén corroborou algumas leituras no terreno feitas previamente por R. Bradley e a sua equipa no conjunto de arte rupestre de Northumberland (norte de Inglaterra) através da aplicação desta ferramenta (2007) e, no Noroeste peninsular, a adesão é particularmente notória no seio de alguns grupos de investigação galegos, (e.g. Parcero-Oubina, *et al.* 2013). No entanto, a viabilidade dos estudos com base nestes programas computacionais para a investigação de arte rupestre pode ser comprometida na ausência de uma complementaridade com a prática de campo, a experiência sensorial do espaço e o contacto directo com o objecto de estudo. Independentemente dos resultados obtidos nas diferentes áreas geográficas investigadas por Bradley (1997) aos quais não são alheios aspectos como as

escalas e variáveis de análise é hoje irrefutável que a Arqueologia da Paisagem desencadeou uma das mais importantes rupturas epistemológicas no estudo da arte do pós-glaciar europeia e, concretamente da Arte Atlântica. A ideia de que esta realidade se manifesta essencialmente como uma ‘arte geográfica’ (Bradley, 1997) articulando-se intimamente com elementos particulares do mundo natural, com espaços culturais e os da vivência quotidiana das comunidades pré-históricas, abriu portas a uma nova percepção do seu significado simbólico e a uma miríade de abordagens interpretativas revolucionárias. Actualmente, entende-se o estudo analítico da arte na paisagem e sua relação com outros sítios arqueológicos como parte integrante dos trabalhos de recolha de dados primários no terreno (embora não deva ser encarado como um fim em si mesmo ou como uma componente da investigação isenta de subjectividade).

No dealbar do novo século, um de nós (LBA) procedeu a uma revisão circunstanciada da arte do pós-glaciar no Noroeste peninsular, conduzindo o estudo mediante a observância de três escalas de análise dialécticas ou seja, da paisagem ao que se encontra inscrito nas superfícies rochosas e vice-versa (Alves, 2003). Neste sentido, procurou-se definir uma equidistância na análise da localização dos sítios no espaço natural, das características físicas do lugar e dos motivos e composições, relevando a sua interacção com a morfologia e os acidentes naturais do suporte, com a experiência sensorial do *locus*, e as formas da paisagem (e.g. Alves, 2002; 2003). No entanto, se foi possível reexaminar alguns conjuntos alargados de sítios com Arte Esquemática pintada e gravada no norte de Portugal sob esta perspectiva, o mesmo não se logrou aplicar aos sítios com Arte Atlântica nesta região. Em pleno contraste com as realidades conhecidas na Galiza, Irlanda, norte de Inglaterra e Escócia, por onde se expande esta tradição, no Noroeste português não só o acervo se mantinha diminuto, como as rochas decoradas figuravam como ocorrências isoladas e dispersas desde as margens do Minho à bacia do Vouga. Para este cenário contribuiu, por um lado, a ausência de uma investigação sistemática e continuada como existiu na região galega de Pontevedra e o facto dos estudos se centrarem nas rochas iconograficamente complexas e monumentais (e.g. Alves e Reis, 2017). Ora, foi com o intuito de colmatar esta importante lacuna na investigação da arte pré-histórica em

Portugal que se gizou, em 2013, um projecto de investigação³ com o objectivo principal de identificar um acervo amplo de rochas decoradas pertencentes àquela tradição artística, contido numa unidade de relevo topograficamente circunscrita. A sistematização dos resultados das acções de prospecção arqueológica e catalogação de arte rupestre na área do Monte Faro permitiu confirmar a descoberta do maior conjunto de Arte Atlântica em Portugal (Alves e Reis, 2017). Superando todas as expectativas, alcançou-se, em finais de 2015, um total de 122 rochas inventariadas (*ibidem*). Porém, como se releveu na notícia de descoberta (Alves e Reis, no prelo), em virtude do potencial da área de estudo eleita, este número seria sempre provisório. E, de facto, à data de redacção deste texto, o acervo é composto por 135 superfícies decoradas.

Por se encontrar em curso o moroso processamento do registo gráfico e levantamento digital tridimensional das superfícies decoradas que permitirá articular as observações no terreno com um estudo estatístico rigoroso, este artigo pretende apenas esboçar um primeiro ensaio sobre as temáticas mais representativas, com base nos resultados obtidos nos trabalhos de inventariação.

2. A ARTE ATLÂNTICA DO MONTE FARO: PRINCIPAIS TEMÁTICAS E SUA IMPLANTAÇÃO NA PAISAGEM

O Monte Faro ergue-se como uma imponente elevação granítica sobre o vale do rio Minho, confinando a norte, oeste e leste com os seus terraços fluviais (Figura 2; Figura 3). A área de estudo perfaz, no seu todo, c. de 26 km² e abarca duas elevações contíguas: o Monte Faro, a noroeste, com uma altitude máxima a.n.m. de 567 m e, a sudeste, o Monte dos Fortes cujo topo atinge os 563 m a.n.m.. Administrativamente,

3. Os trabalhos foram conduzidos no âmbito do projecto de investigação plurianual *As gravuras rupestres da Serra do Extremo no Contexto da Arte Atlântica do Alto Minho (Valença, Viana do Castelo)*, inscrito na categoria A do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos, aprovado e autorizado pela Direcção Regional de Cultura do Norte mediante o ofício nº S-2013/301195 (C.S. 838854) de 17/01/2013 – Processo nº DRP-DS/2012/00-00/20992/EIA/1332 (C.S: 107867) e desenvolveu-se no cumprimento do programa de trabalhos de bolsa de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT)-POPH/FSE atribuída a um de nós (LBA).

situa-se no distrito de Viana do Castelo, concelho de Valença, e abrange as uniões de freguesia de Gandra e Taião, Gondomil e Sanfins e as freguesias de Ganfei e de Verdoejo.

As primeiras investigações arqueológicas direccionadas para o estudo da arte rupestre foram promovidas pelo Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto (GEAP) e desenvolvidas por uma equipa liderada por Eduardo Jorge Silva e Ana Leite da Cunha (Cunha e Silva, 1980; Silva e Cunha 1986). Desde então, as rochas decoradas do Monte dos Fortes, Monte da Laje e Tapada do Ozão figuram, a par da Bouça do Colado, como os sítios mais representativos da então chamada ‘Arte galaico-portuguesa’ ou ‘grupo 1 da arte do Noroeste’ e sobre elas se fundamentaram propostas cronológicas para a datação deste conjunto regional (e.g. Baptista, 1986; Jorge, 1991). Na década seguinte, um artigo publicado nas Actas do Congresso Internacional de Arte Rupestre de Vigo que, lamentavelmente, não mereceu ampla divulgação, anunciava a descoberta ocasional de um importante conjunto de gravuras rupestres no Monte Faro, embora sem referências exactas à sua localização (Novoa e Sanromán, 1999). Em 2004, foi dado à estampa, também no país vizinho, o levantamento de uma muito interessante rocha decorada com zoomorfos, situada na Quinta da Barreira (Novoa e Costas, 2004). Assim, face ao potencial do Monte Faro para acolher um complexo vasto de gravuras rupestres, em razoável estado de conservação, não tivemos dúvida em elegê-lo como área privilegiada para a prospecção arqueológica no âmbito de um projecto de investigação plurianual (Alves e Reis, 2017).

A revelação de um tão extenso conjunto permite, pela primeira vez em território nacional, uma investigação assente nos princípios teórico-metodológicos da Arqueologia da Paisagem, sendo um dos objectivos o de testar as diversas hipóteses interpretativas que vêm sendo colocadas relativamente à implantação topográfica das principais classes de motivos que caracterizam a Arte Atlântica. Considera-se este exercício cartográfico como um instrumento de análise numa fase de desenvolvimento da investigação que auxilia no processo de sistematização das informações obtidas no terreno e não é, como se disse anteriormente, isento de subjectividade.

Um dos aspectos mais notáveis deste acervo, perceptível desde os primeiros momentos do trabalho de campo, é a elevada percentagem de gravuras rupestres pré-históricas, por comparação com as

ocorrências de cronologia histórica e/ou indeterminada (Alves e Reis, 2017; Alves e Reis, no prelo). Actualizados os dados, as ocorrências pertencentes à tradição de Arte Atlântica peninsular ultrapassam já a centena (ocorrem em 102 rochas inventariadas), contam-se 14 superfícies onde figuram exclusivamente motivos atribuíveis a época histórica e 19 com gravuras de cronologia indeterminada. Há, sem dúvida, uma clara predominância da arte pré-histórica e esta difunde-se amplamente pelas encostas da serra, evitando, de acordo com o conhecimento actual, as linhas de cumeeada (*ibidem*) (Figura 4).

Reportando-nos às principais temáticas, as figuras geométrico-abstractas de feição circular (classe na qual não se incluíram as covinhas) ocorrem em 69 superfícies, as figuras zoomórficas em 15 rochas e as representações de armas ou objectos encabados em 5 (Figura 5).

2.1. As gravuras geométrico-abstractas de feição circular

O repertório figurativo geométrico-abstracto pode, à primeira vista, entender-se como muito homogéneo e repetitivo, mas, na realidade, esta classe de motivos caracteriza-se sim, por uma grande diversidade morfológica, bem patente no acervo do Monte Faro. Independentemente da ideia de que esta tradição obedece a uma rígida codificação simbólica, como alguns autores defendem, as inúmeras nuances na concepção dos motivos de feição circular, acentuadas pela maneira como foram intencionalmente moldados ao suporte, é um claro indício de que havia espaço para uma boa dose de criatividade por parte do executor (Alves, 2009a). As clássicas combinações de círculos concêntricos com ou sem covinha central, os círculos simples e aqueles que envolvem conjuntos de pontos são os sub-tipos predominantes. Contudo, surgem outros muito específicos que também são comuns à Arte Atlântica peninsular e das Ilhas Britânicas: as combinações de círculos concêntricos com sulcos lineares que partem da covinha central para o exterior da figura, ou variantes do motivo em forma de ‘buraco de fechadura’.

Neste acervo tem sido reiteradamente observada a estreita interacção entre os motivos gravados e a morfologia estrutural do suporte, um diálogo que já se reconhecera noutros contextos portugueses e que nos conduziu a explorar a hipótese de que a criação dos motivos geométrico-abstractos poderia ter obedecido a uma interpretação prévia das caracte-

rísticas físicas e sensoriais da superfície rochosa (e.g. Alves 2003; 2012b). De facto, um dos traços distintivos da Arte Atlântica do Monte Faro é o seu carácter escultórico que contribui para a consolidação da ideia de que, não só as macro formas do relevo terão sido relevantes para a eleição dos *loci* (e.g. Bradley, 2000; Bradley e Watson, 2012) mas também a microtopografia do suporte influenciou a selecção de determinados motivos.

Porém, a escassez de regularidades é, sem dúvida, o que melhor caracteriza o acervo. Apesar de haver alguma preferência por lajes graníticas rasa ao solo, cujas dimensões podem ir da dezena de metros aos 50 centímetros, não se identifica um tipo de suporte claramente dominante, nem mesmo no que respeita à geologia, dado que, no sítio do Pinhal do Rei, gravuras geométrico-abstractas foram sulcadas nas rugosas superfícies expostas de uma mancha de rocha metamórfica quartzo-feldspática (o chamado ‘ortogneise da Gandra’). Na verdade, as figuras circulares surgem ora isoladas, como motivos únicos numa superfície rochosa, ora se organizam em intrincadas composições. Surgem talhadas em penedos de morfologia e textura muito irregulares, aproveitando as suas protuberâncias naturais ou as dobras do granito mas ocorrem igualmente em superfícies lisas (Alves e Reis, no prelo). No conjunto, maioritário, de composições simples, não são raros os motivos circulares isolados que ocupam pequenos e discretos painéis rasos ao solo, mas aparecem também em grandes superfícies passíveis de comportar faustosa composição.

No esboço cartográfico que se traz à estampa (Figura 6) as rochas identificadas como exibindo composições complexas, no caso particular da Arte Atlântica do Monte Faro, obedecem a, pelo menos, um dos seguintes critérios, enquanto aquelas que cumprem a sua totalidade são aqui designadas composições ‘barrocas’:

1. presença de três ou mais motivos circulares (combinações de círculos concêntricos, círculos simples, círculos preenchidos por covinhas, espirais...);
2. presença de linhas rectas ou sinuosas que unem motivos entre si;
3. combinações de círculos concêntricos com 3 ou mais anéis ou motivos circulares mais de 30 cm de diâmetro.

Uma das constatações mais interessantes prende-se com a existência de uma profusão de indeléveis, mas

discretos, apontamentos gráficos na forma de composições simples, muitas vezes um só motivo circular, nas imediações de composições complexas ou ‘barrocas’. Conforme se pode observar no mapa de distribuição, estas últimas não tendem a ocupar uma área topográfica exclusiva, encontrando-se tanto nas zonas mais altas das encostas, como nos patamares médios e inferiores da serra (Figura 6).

Esta revelação parece evidenciar, no nosso entender, a verdadeira essência da Arte Atlântica. Esta tradição não se singulariza pela presença das composições monumentais que atraíram a atenção dos investigadores ao longo do último século, mas sim pela construção de verdadeiras paisagens sinaladas, ‘anotadas’ até à exaustão, com sinais mais ou menos discretos que nos surgem inesperadamente ao olhar e onde, pontualmente se exibem as grandes composições, verdadeiras obras d’arte, que obedeciam a uma concepção prévia e adequada à forma do receptáculo. Se algumas destas obras podem ser vistas como telas cinzeladas, outras aproximam-se indubitavelmente do conceito de escultura, como a Tapada do Ozão⁴ (Figura 7).

Sumariamente, no que concerne à associação entre arte rupestre e outros sítios arqueológicos inventariados na área de estudo, o caso mais flagrante é o da Fonte Volide, onde rochas gravadas com composições circulares se dispõem em redor de uma necrópole megalítica formada por três mamoa estabelecendo entre si uma estreita relação visual e de proximidade física (Alves e Reis, 2017; Alves e Reis, no prelo)⁵. Porém, na área ocupada pela grande necrópole megalítica da Chã da Quebrada (v. Figura 4) que se encontra actualmente muito alterada pela construção de um edifício de exploração agrícola e

eucaliptais, não se identificaram vestígios de arte pré-histórica, pese embora A. L. da Cunha e E. J. Silva tenham relatado o achado de um bloco pétreo com uma covinha, junto às mamoas (1980).

2.2. As figuras zoomórficas

São, actualmente, quinze as rochas inventariadas na área do Monte Faro que ostentam gravuras de quadrúpedes (Figura 8). Estes motivos distribuem-se preferencialmente pelas vertentes viradas a norte e nordeste, em superfícies que ocupam as zonas a meia encosta, no sítio da Fonte Formosa, mas são maioritários nos pequenos esporões rochosos ou patamares situados nas cotas mais baixas e, logo, mais próximos da planura do vale do Minho, sempre com o rio à vista.

A primeira notícia da presença de gravuras zoomórficas no Monte Faro consta do artigo assinado por Novoa e Sanromán (1999). Aqui se refere a ocorrência de uma rocha contendo motivos de feição esquemática que se fez corresponder, no inventário do nosso projecto, à rocha 4 do núcleo I do Escaravelhão. Foi, mais tarde, publicado, numa revista galega, o levantamento de uma outra superfície com um extenso conjunto de figuras animais de distinta tipologia a qual designaram “A laxe da Quinta da Barreira” (Novoa e Costas, 2004: 183). Este estudo surgiu no contexto da sistematização dos achados de gravuras de quadrúpedes na bacia do Minho, em ambos os lados da fronteira. Os autores destacam o dinamismo da composição, com a quase totalidade dos animais virados na direcção sudeste, e a presença de uma representação de um quadrúpede com um projectil com ponta foliácea bem evidente sobre o dorso (lança?) (*ibidem*) (Figura 8). Assinalam, de facto, o carácter invulgar desta associação que se repete no sítio de Outeiro Gordo (Rianxo, Galiza) e, num âmbito estilístico algo distinto, num dos colossais veados da Laxe dos Carballos, em Campo Lameiro (Galiza) (*ibidem*).

O conjunto de figuras animais até agora identificado é dotado, como se pode observar na selecção que consta na Figura 8, de uma variabilidade estilística notável, se atendermos à relativa exiguidade da área de estudo. Verifica-se a presença de um estilo mais esquemático ou estilizado na citada rocha 4 do Escaravelhão I e na rocha 2 da Fonte Formosa onde as gravuras ocupam superfícies rochosas pouco ou nada proeminentes. Surgem ainda as formas sub-naturalistas mais clássicas do acervo galego na

4. O ponto a tinta plástica vermelha sobre a superfície decorada da rocha da Tapada do Ozão, perceptível na fotografia da Figura 7, é uma das numerosas marcas que detectámos em 2015 na área em estudo, sobre a quase totalidade das ocorrências por nós identificadas nos primeiros anos do projecto. Não sendo, evidentemente, da nossa responsabilidade a colocação destes pontos pintados sobre as rochas decoradas, e no sentido de acautelar a boa conservação dos painéis e eventuais danos que podem vir a ser inflingidos por trabalhos arqueológicos (ou não) desenvolvidos sem o necessário enquadramento legal, foi dado conhecimento desta situação à Direcção Regional da Cultura do Norte, via correio electrónico, no dia 4 de Dezembro de 2015.

5. Na chã da Fonte Volide, as rochas 3 e 4 encontram-se apenas a apenas 20-25m da mamoa 3.

Fonte Formosa, São Tomé e Quinta da Barreira. Mas também ocorrem sub-tipos morfológicos relativamente originais como o veado de uma das superfícies do Verdoejo. É ainda de assinalar a combinação de diferentes sub-tipos na rocha 2 da Telheira, onde se detectaram sobreposições e variações consideráveis de patina em diferentes figuras.

Verifica-se que os quadrúpedes surgem representados quer em posição estática, quer dinâmica, assinalando-se, em alguns casos, a sua intencional gravação em superfícies inclinadas, dispostos de forma a simular o movimento dos animais pela vertente da rocha. As cenas de equitação estão presentes em rochas na vertente nordeste, designadamente no sítio de São Tomé.

No que respeita à sua associação com outras classes de motivos, particularmente com as combinações circulares, são apenas seis os casos identificados de convergência destas duas temáticas sobre a mesma superfície, embora só em dois deles se estabeleça uma articulação estreita, no espaço operativo, entre animais e combinações circulares, visto que, maioritariamente, ocupam áreas distintas do suporte. Nas restantes nove ocorrências, os quadrúpedes configuram superfícies monotemáticas.

É problemático o exercício de identificação rigorosa das espécies representadas a partir dos escassos detalhes anatómicos exibidos nestas figurações. Reconhecem-se claramente equídeos e cervídeos, porém há características particulares que apontam para a possível presença de capríneos, com ampla cornamenta em V isenta de ramificações ou enrolando para trás em forma de sabre, e mesmo de bovídeos.

2.3. As representações de armas e/ou objectos encabados

Considerando o actual quadro de referência, o número de motivos de armas e/ou objectos encabados é relativamente diminuto e, uma vez mais, se verifica alguma heterogeneidade formal nas representações conhecidas (Figura 9). Incluem-se neste conjunto as sobejamente conhecidas gravuras do Monte da Laje (Silva e Cunha, 1986), a representação de objecto encabado na rocha 7 do núcleo I do Escaravelhão, ambos na encosta ocidental do Monte Faro, a figura da rocha 3 de Santo Ovídio, a única que mais se aproxima da forma mais clássica da alabar-

da⁶. Na rocha 10 deste mesmo sítio surge uma figura algo ambígua junto a uma fenda num penedo, onde um sulco linear profundamente gravado e morfológicamente semelhante ao cabo da alabarda da rocha 3, se une a uma depressão oblonga na superfície. O quinto registo equivale ao referido projectil (lança?) representado sobre o dorso de um quadrúpede na Quinta da Barreira. À excepção desta última, as demais implantam-se em patamares a meia encosta.

Tendo em conta os resultados dos trabalhos de prospecção, a rocha do Monte da Laje (agora rocha 1 do Monte da Laje) mantém-se como um sítio absolutamente singular no conjunto do Monte Faro, tal como no contexto do Noroeste português. Figuras de armas tipologicamente análogas e os chamados 'idoliformes' não ocorrem em nenhuma outra superfície decorada registada até ao momento na área de estudo. Os motivos presentes incluem punhais e idoliformes, círculos concêntricos, covinhas e linhas (Silva e Cunha, 1986). Deste conjunto sobressai a grande escala a que foram representados os punhais (o maior mede 1, 15 m x 0, 35 m e o menor, 0.60 m x 0, 24). Merece igualmente destaque a sua morfologia invulgar, distinguindo-se, por este facto, da generalidade dos seus congéneres galegos, pese embora o punhal de lâmina triangular encontrar paralelos na rocha da Poza da Lagoa II (e.g. Peña e Rey, 2001: v. quadro pp. 47). Os punhais são os elementos iconográficos centrais no espaço operativo, ladeados pelos grandes idoliformes, sendo que as combinações de círculos concêntricos se distribuem pela periferia da rocha (Silva e Cunha, 1986).

Os trabalhos de prospecção permitiram verificar que esta rocha não se encontra isolada, contudo, todas as demais pertencentes ao sítio do Monte da Laje, distribuem-se pelo topo do esporão e ostentam quase exclusivamente figuras de feição circular. A rocha 1 acaba por ocupar, desta forma, uma posição marginal e implantar-se numa zona topograficamente atípica, na base da encosta, no rebordo de uma área deprimida, sem destaque particular na paisagem (Alves e Reis, 2017; Alves e Reis, no prelo).

6. As actuais rochas 7 do Escaravelhão I e rocha 3 de Santo Ovídio foram-nos indicadas por Pablo Novoa, a quem agradecemos a disponibilidade de nos ter acompanhado numa incursão pela área de estudo, em 2012, no âmbito do trabalho preparatório para a elaboração do projecto de investigação.

3. PALAVRAS FINAIS

É, de facto, a primeira vez que em Portugal, nomeadamente no Entre-Douro-e-Minho, surge uma tão vasta concentração de gravuras de tradição Atlântica numa unidade de relevo circunscrita. Conforme se referiu, a maioria dos sítios conhecidos até ao início deste projecto eram compostos por um número reduzido de rochas decoradas, cenário que se pode dever à relativa escassez de investigação e preferência pela documentação de rochas com composições monumentais. A emergência dos estudos assentes nos princípios epistemológicos da Arqueologia da Paisagem, no dealbar do novo século, acabou por ter repercussões importantes na forma como se perspectivam os estudos em arte rupestre e se desenharam as estratégias de investigação.

As características deste acervo aproximam Portugal da vizinha Galiza, tal como do norte de Inglaterra, Escócia e Irlanda, onde os grandes conjuntos de Arte Atlântica são uma realidade conhecida. O cenário que se identificou no Monte Faro, permite colocar a hipótese dele vir a ser replicado no Noroeste português, dependendo das condições de preservação da paisagem e desde que a investigação no terreno se oriente nesse sentido.

O que verdadeiramente ressalta da primeira análise deste conjunto é que a componente geométrico-abstracta desta tradição surge aqui, como vimos, reunida em núcleos reveladores de uma organização extraordinariamente coerente na paisagem em termos de implantação, intervisibilidade e mobilidade. As rochas que contêm as principais temáticas da Arte Atlântica peninsular não ocupam áreas inacessíveis, mas zonas potenciais de passagem nos trajectos quotidianos de pessoas e animais.

O conjunto de reflexões que aqui trazemos serão necessariamente objecto de estudo mais aprofundado após a reprodução gráfica das superfícies gravadas que temos em preparação. As características específicas deste acervo permitirão ainda ampliar e melhor contextualizar o actual debate em torno da cronologia da emergência desta tradição artística no Noroeste, em particular da proposta do seu recuo ao IV^o milénio AC, extensamente clarificada noutros trabalhos (e.g. Alves, 2003; Alves, 2009a e b, 2014).

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Lara Bacelar (2002) – The Architecture of the Natural World – evidence from rock art in western Iberia, in SCARRE, Chris (Ed.), *Monuments and Landscape in Atlantic Europe*. Londres/Nova York, Routledge, pp. 51-69.

ALVES, Lara Bacelar (2003) – *The Movement of Signs. Post-glacial rock art in north-western Iberia*, Tese de Doutoramento, Reading, Universidade de Reading.

ALVES, Lara Bacelar (2009a) – Signs on a rock veil: work on rocks, ‘prehistoric art’ and identity in north-west Iberia, in O’CONNOR, Blaze; COONEY, Gabriel, CHAPMAN, John, (Eds), *Materialitas: working stone, carving identity*. Oxford, Oxbow, pp. 169-180.

ALVES, Lara Bacelar (2009b) – O sentido dos signos – reflexões e perspectivas para o estudo da arte rupestre do pós-glacial no Norte de Portugal”, in Balbín Behrmann, Rodrigo de (Eds), *Arte Prehistórica al aire libre en el sur de Europa*, Salamanca, Junta de Castilla y Leon, pp. 381-413.

ALVES, Lara Bacelar (2012a) – Circular images and sinuous paths. Engaging with the biography of rock art research in the Atlantic façade of north-west Iberia, in A. Jones and J. Pollard (eds), *Image, memory and monumentality: archaeological engagements with the material world. A celebration of the academic achievements of Professor Richard Bradley*. Chapter 25. Prehistoric Society Research Papers N^o 5. The Prehistoric Society. Oxbow Books. Oxford: 260-272.

ALVES, Lara Bacelar (2012b) – The circle, the cross and the limits of abstraction and figuration in north-western Iberian rock art. In COCHRANE, Andrew; JONES, Andy (Eds), *Visualising the Neolithic: abstraction, figuration, performance, representation*. Oxford, Oxbow, pp. 198-214.

ALVES, Lara Bacelar (2014) – Intermitências: a arte e a Idade do Bronze no Ocidente peninsular, in *A Idade do Bronze em Portugal: os dados e os problemas*, Tomar, Centro de Pré-história / Instituto Politécnico de Tomar, pp. 15-51 (Antropo – série monográfica [em linha] n.º1).

ALVES, Lara Bacelar; REIS, Mário (2017) – *As gravuras rupestres da Serra do Extremo no contexto da Arte Atlântica do Alto Minho (Valença, Viana do Castelo) – Relatório de Progresso – 2013*, Direcção-Geral do Património Cultural, Lisboa.

ALVES, Lara Bacelar e REIS, Mário (no prelo) – As gravuras rupestres do Monte Faro (Valença, Viana do Castelo) – um exemplo maior da Arte Atlântica peninsular, *Portugália* – nova série, Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

BAPTISTA, António Martinho (1983-84) – Arte Rupestre do Norte de Portugal: uma perspectiva, *Portugália*, IV-V, Porto, departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 71-82.

BAPTISTA, António Martinho (1986) – Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção, in *História da Arte em Portugal, vol. 1*, Lisboa, Alfa, pp. 31-55.

- BRADLEY, Richard, HARDING, Jan, MATHEWS, Margaret (1993) – The sitting of prehistoric rock art in Galloway, south-west Scotland, *Proceedings of the Prehistoric Society*, 59, pp. 269-283.
- BRADLEY, Richard (1997) – *Rock art and the Prehistory of Atlantic Europe. Signing the Land*. Londres / Nova York, Routledge.
- BRADLEY, Richard (2000) – *An Archaeology of Natural Places*. Routledge. Londres e Nova Iorque.
- BRADLEY, Richard e WATSON, Aaron (2012) – Ben Lawers: carved rocks on a loud mountain, in Andrew Cochrane and Andrew Meirion Jones (eds), *Visualising the Neolithic: Abstraction, Figuration, Performance, Representation*, Neolithic Studies Group Seminar Papers 13, Oxbow Books, pp. 64-78.
- CUNHA, Ana Leite; SILVA, Eduardo Jorge Lopes (1980) – Gravuras rupestres do Concelho de Valença. Montes dos Fortes (Taião), Tapada do Ozão, Monte da Laje, in *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, Guimarães, pp. 121-131.
- FAIRÉN JIMENEZ, Sara (2007) – British neolithic rock art in the landscape. *Journal of Field Archaeology*, 32: 283-295.
- JORGE, Susana Oliveira (1991) – A ocupação do espaço no Norte de Portugal durante o III–inícios do II milénio A. C.. In JORGE, Vítor Oliveira; JORGE, Susana Oliveira, (Dir. de), *Incursões na Pré-história*. Porto, Fundação Eng. António de Almeida, pp. 299-380.
- LEROI-GOURHAN, André (1965) – *Préhistoire de l'art occidental*. Mazenod, Paris.
- NOVOA ÁLVAREZ, Pablo; SANROMÁN VEIGA, José (1999) – Nuevos Aportes del Arte Rupestre del Norte de Portugal. In *Actas del Congreso Internacional de Arte Rupestre Europeu, Vigo, 1998*. CD-ROM.
- NOVOA ÁLVAREZ, Pablo; COSTAS GOBERNA, Fernando Javier (2004) – La fauna en los grabados rupestres de la Ribeira portuguesa del Miño. *Glaucoptis*, 10 (4), Vigo, pp. 117-204.
- PARCERO-OUBINA, César, FÁBREGA-ÁLVAREZ, Pastor, GUIMIL-FARIÑA, Alexandro, VALDEZ-TULLETT, Joana (2013) – Capítulo 11. Castros, caminos, rutas y ocupación del espacio. Modelización y análisis de las formas de movilidad asociadas a los asentamientos de la Edad del Hierro a través de herramientas SIG. In Felipe CRIADO BOADO, Felipe, MARTÍNEZ CORTIZAS, Antonio e GARCÍA QUINTELA, Marco Virgilio. *Petroglifos, paleoambiente y paisaje. Estudios interdisciplinares del arte rupestre de Campo Lameiro (Pontevedra)*. Trabajos de Arqueología e Patrimonio 42, Instituto de Ciencias del Patrimonio, C.S.I.C. Madrid: 171-185.
- PEÑA SANTOS, Antonio de la e REY GARCÍA, José Manuel (2001) – *Petroglifos de Galicia*. A Coruña: Via Láctea.
- SILVA, Eduardo Jorge Lopes; CUNHA, Ana Leite (1986) – As gravuras do Monte da Laje (Valença). *Arqueologia*, 13, Porto, GEAP, pp. 143-158.



Figura 1 – Combinações de círculos concêntricos gravadas na rocha 1 do núcleo V do Escaravelhão, nas faldas ocidentais do Monte Faro – um exemplo da iconografia clássica da Arte Atlântica.

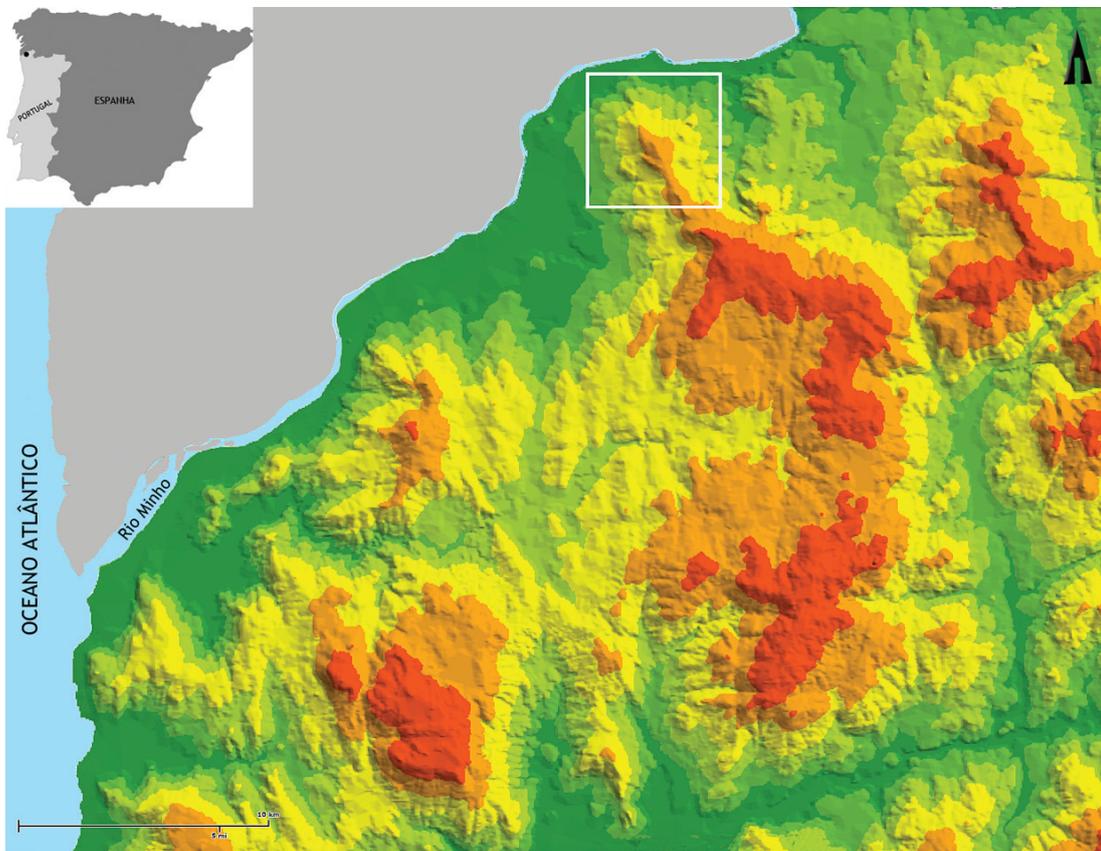


Figura 2 – Localização da área de estudo, sobre o vale do Minho (Fonte: geoPortal-LNEG).



Figura 3 – Vista sobre as vertentes mais altas do Monte Faro, desde a chã da Fonte Volide.

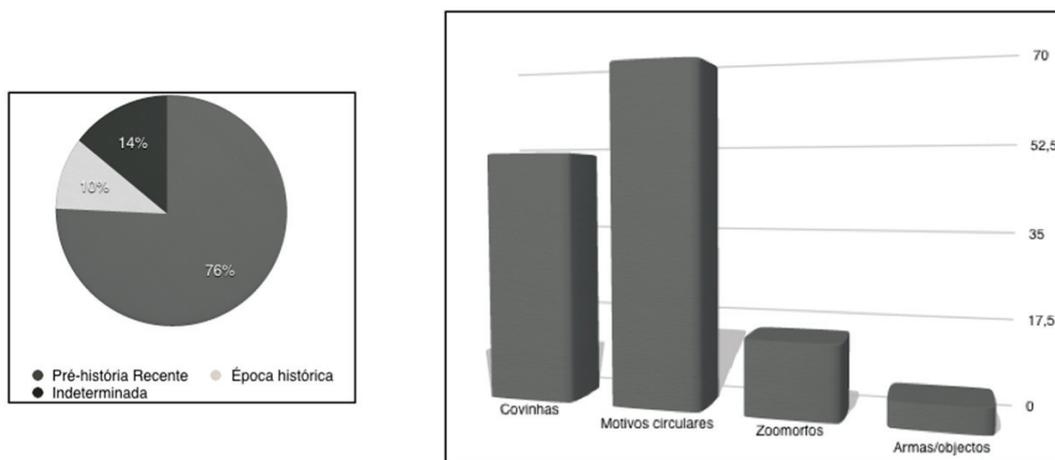


Figura 5 – Dados estatísticos actualizados relativamente à atribuição cronológica das rochas decoradas (2013-2016), à esquerda e ocorrência das principais temáticas no acervo do Monte Faro (2013-2016), à direita.

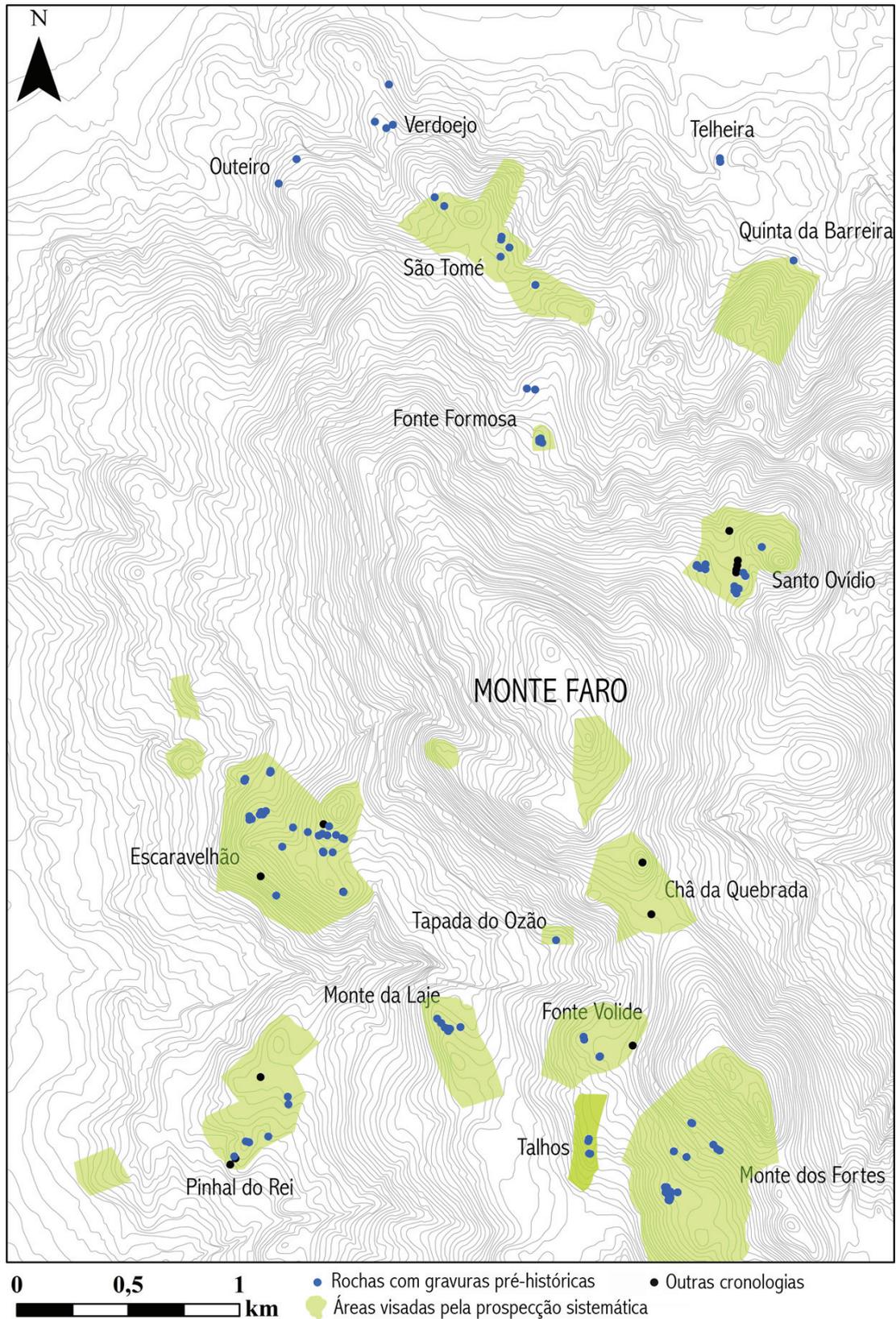


Figura 4 – Mapa de distribuição das rochas com gravuras rupestres inventariadas no âmbito do projecto de investigação.

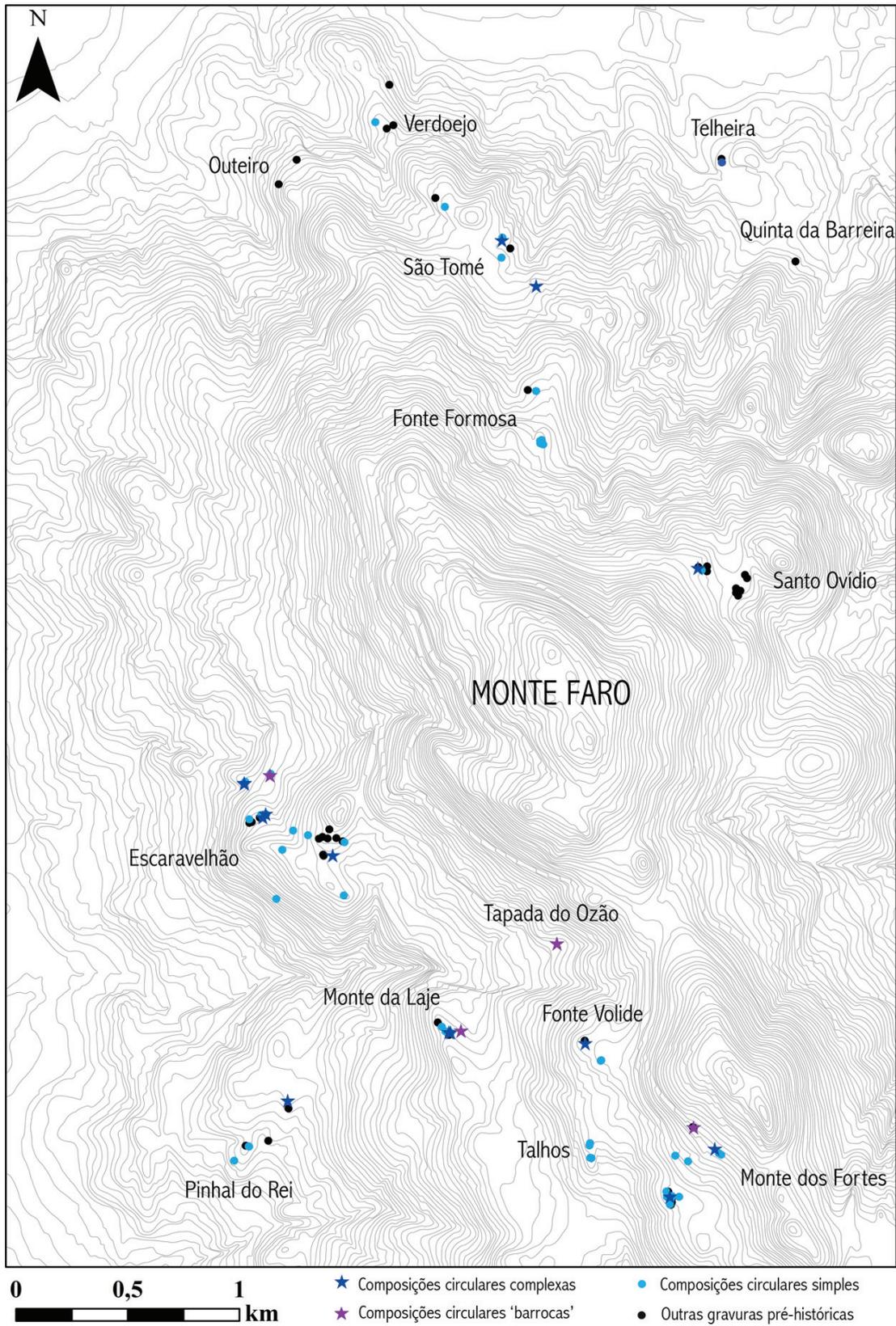


Figura 6 – Mapa de distribuição dos motivos abstractos de feição circular na área do Monte Faro.



Figura 7 – Rocha 3 do núcleo I do Monte dos Fortes (em cima) e rocha 1 da Tapada do Ozão (em baixo).

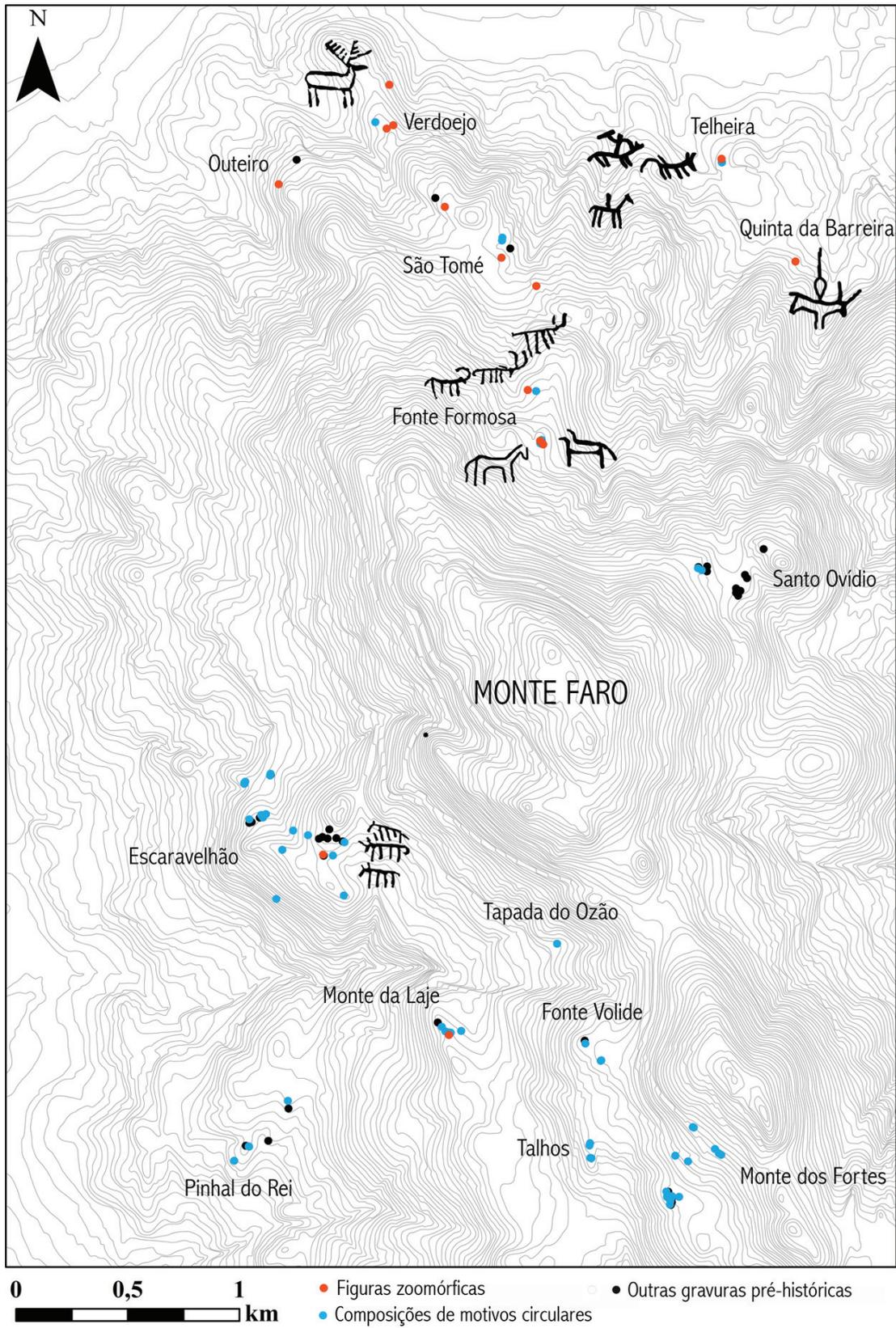


Figura 8 – Mapa de distribuição dos motivos zoomórficos na área do Monte Faro.

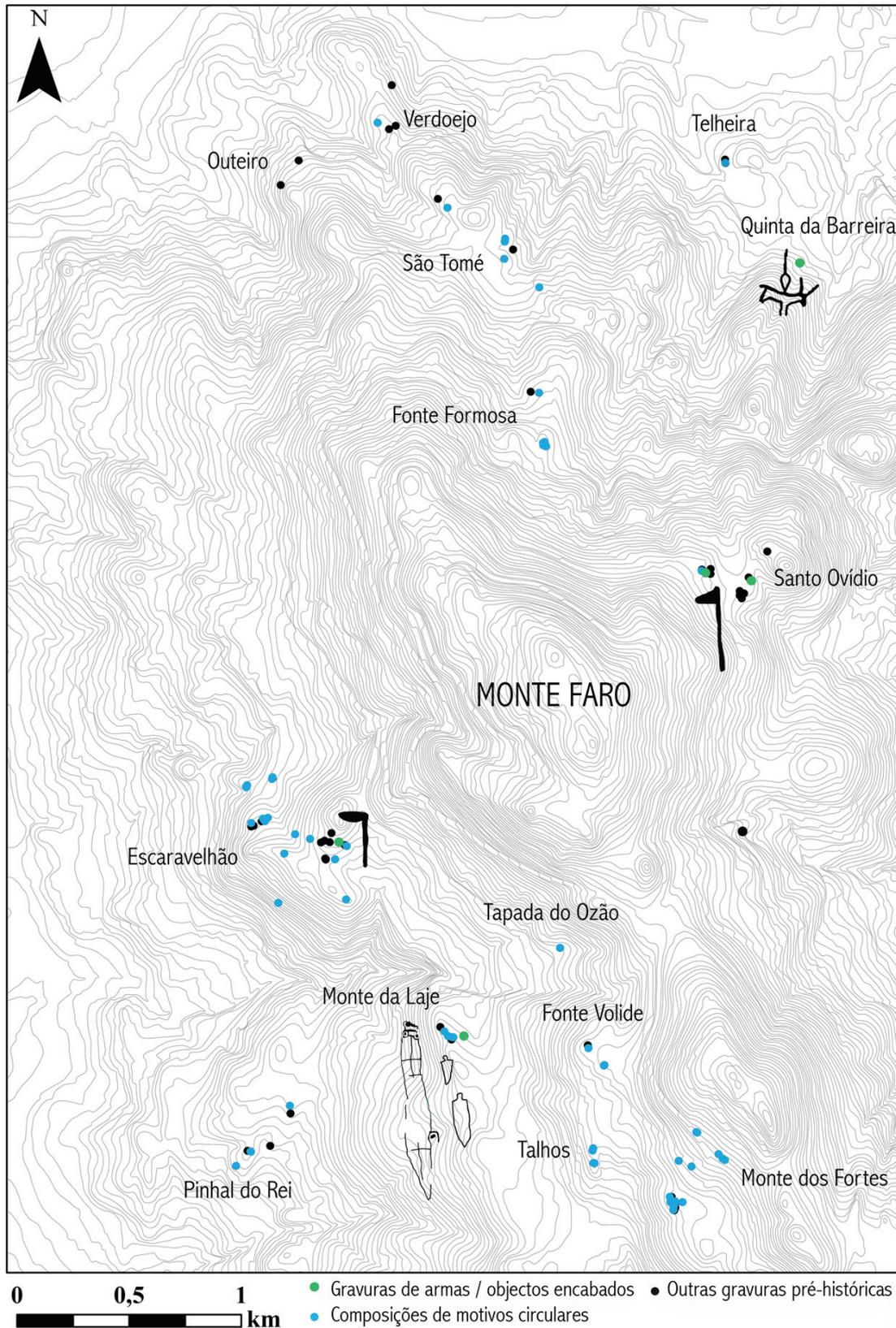
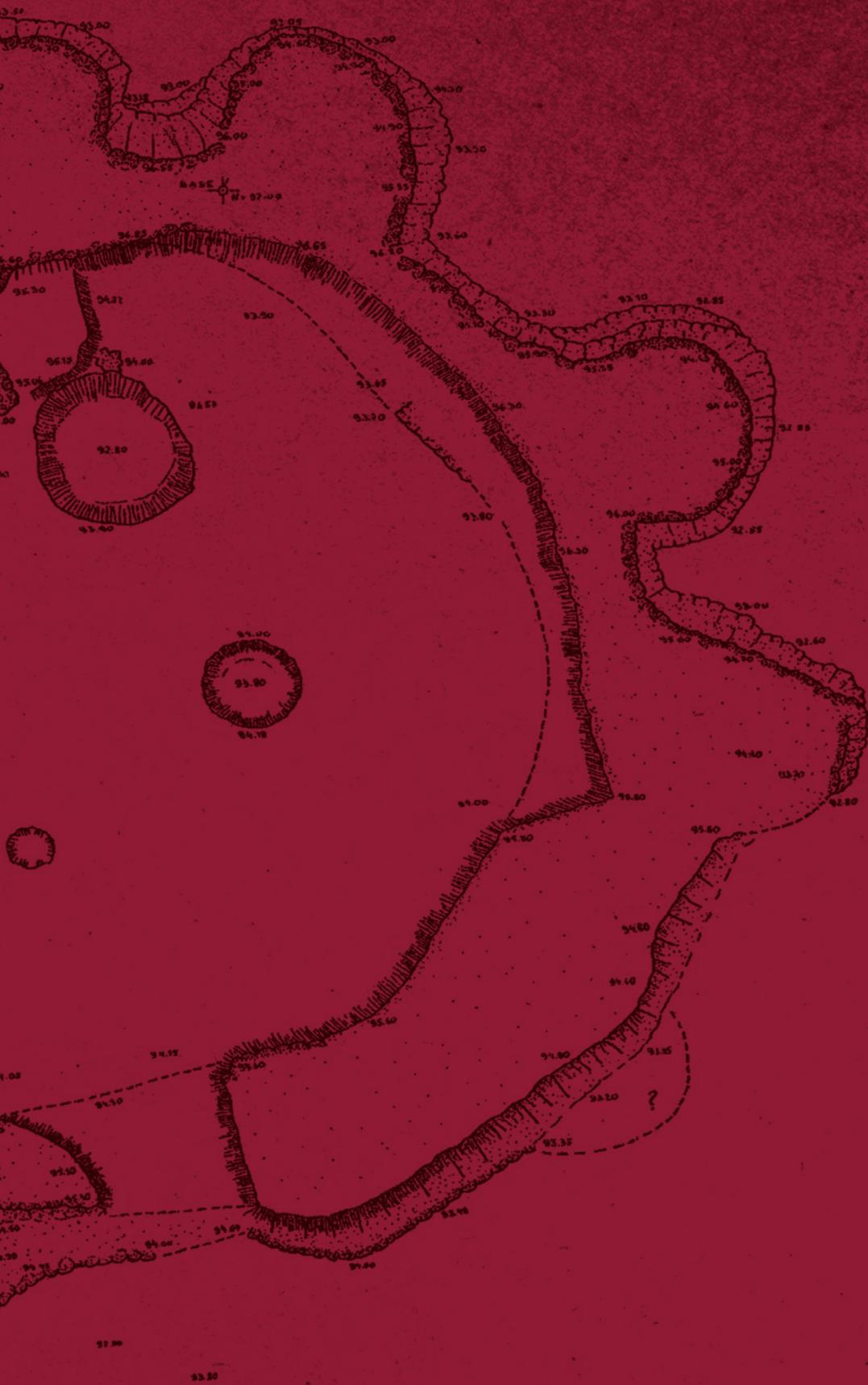


Figura 9 – Mapa de distribuição dos motivos de armas/objectos encabados na área do Monte Faro.



Patrocinador oficial